

CONEXÃO COM A NATUREZA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A PERCEPÇÃO DE PAIS E AS CRIANÇAS NO MUNICÍPIO DE CANOAS

Hellen Mendes Dos Santos¹

RESUMO

O contato com a natureza e as experiências proporcionadas pelos pais têm grande influência na forma como as crianças percebem o meio ambiente. Este estudo tem como objetivo investigar como as crianças percebem a natureza e de que maneira as vivências mediadas pelos pais influenciam esse entendimento. Os objetivos específicos incluem mapear as vivências proporcionadas pelos pais no contexto natural, analisar o impacto dessas vivências no sentimento de pertencimento e conexão com o meio ambiente, e descrever o entendimento das crianças sobre o conceito de natureza. A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter explorativo envolveu 18 crianças, com idades entre 5 e 6 anos, matriculadas em duas escolas de educação infantil no município de Canoas, RS, sendo 10 do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Participaram também 18 responsáveis que compartilharam as percepções das crianças sobre as interações com a natureza. Os resultados mostraram que há um déficit de contato com o ambiente natural, com muitas delas passando a maior parte do tempo livre em atividades relacionadas ao uso de telas. Observou-se que a interação com a natureza promovida pelos pais aumenta ou diminui o sentimento de pertencimento e conexão com o meio ambiente. Conclui-se que as vivências proporcionadas pelos pais são essenciais para fomentar uma maior ou menor conexão das crianças com o meio ambiente. Este estudo, embora preliminar, apresenta resultados de uma parte de um grande estudo que abrange as cinco regiões do país, oferecendo uma perspectiva inicial sobre como as experiências familiares influenciam a relação das crianças com o ambiente natural.

Palavras-Chaves: Conexão com a natureza - Vivências proporcionadas por pais - Educação infantil - Crianças - Desenvolvimento infantil.

INTRODUÇÃO:

O Estado do Rio Grande Do Sul decretou situação de calamidade pública devido ao desastre climático ocasionado pelas enchentes que ocorreram em 471 municípios em maio de 2024. O município de Canoas teve 60% da cidade atingida pela enchente. Segundo o CREA 40 escolas municipais foram atingidas, incluindo duas instituições que são foco desta pesquisa. Localizadas no bairro Mathias Velho e Harmonia, essas escolas foram algumas das mais afetadas, refletindo o impacto devastador que a enchente teve não apenas nas infraestruturas, mas também nas comunidades que delas dependem.

Os desastres, em especial os de origem natural, passaram a ser compreendidos por

¹ Discente do Curso Psicologia da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso. E-mail: hellenmendesea@hotmail.com, sob a orientação da Prof.^a Dra. Camila Bolzan de Campos E-mail: camila.bolzan@unilasalle.edu.br Data de entrega: 02 dez. 2024.

pesquisadores e autoridades governamentais como resultados diretos de um modelo de desenvolvimento insustentável, frequentemente exacerbado por ações políticas inadequadas e pela falta de planejamento urbano adequado. Parte desses desastres decorre dos efeitos de fenômenos climáticos, que são parte dos ciclos naturais da Terra (PNUMA, 1995). Outra parte, no entanto, é atribuída às intervenções humanas no meio ambiente. Tais intervenções, nem sempre bem planejadas, acabam por gerar impactos negativos, intensificando a gravidade e a frequência dos efeitos causados pelos eventos climáticos naturais (KOBIYAMA et al., 2006).

A Conexão com a Natureza (CN) é entendida como um estado emocional e cognitivo que estabelece uma relação positiva com os ambientes naturais, sendo moldada por fatores cognitivos, afetivos e vivenciais (Nisbet & Zelenski, 2013; Zylstra et al., 2014). Essa relação é, em grande parte, formada a partir de experiências favoráveis em ambientes naturais ao longo da vida, as quais podem ser vivenciadas de maneira individual ou mediadas por familiares, amigos, educadores ou outros grupos sociais.

Durante a infância, o contato com a natureza pode ser um fator determinante para o desenvolvimento de um vínculo positivo com o meio ambiente (ROSA; PROFICE; COLLADO, 2018). Além disso, a frequência de visitas a espaços verdes estimula a sociabilidade entre crianças e adolescentes, além de promover comportamentos ecológicos (ALCOCK et al., 2020; SEELAND; DÜBENDORFER; HANSMANN, 2009). Dessa forma, o envolvimento com a natureza desempenha um papel crucial não apenas na formação da relação com o ambiente natural, mas também em diversas outras áreas da vida do indivíduo.

A teoria da biofilia (ULRICH, 1993; WILSON, 1984) sugere que os seres humanos têm uma necessidade biológica de se conectar com a natureza ao longo de toda a vida. Segundo Wilson (1984), essa conexão é algo inato, uma necessidade essencial de estar em contato com o ambiente natural. Para que essa necessidade seja atendida, é importante que sejam proporcionadas experiências frequentes e positivas em ambientes naturais. O autor também argumenta que a natureza não se limita aos ecossistemas naturais, mas faz parte da construção do indivíduo, influenciando seu bem-estar físico e psicológico. Essa conexão deveria ser a base para uma ética universal que valorize e proteja a natureza (IVES et al., 2017; LAIRD et al., 2014; NISBET et al., 2009).

O estilo de vida contemporâneo tem, muitas vezes, minimizado a importância da conexão com a natureza, o que compromete a qualidade de vida das pessoas e reduz a responsabilidade pela preservação dos ambientes naturais. Esse distanciamento da natureza, frequentemente denominado Síndrome do Déficit de Natureza (LOUV, 2006), pode trazer

consequências graves, especialmente para as gerações futuras. Observa-se um crescente afastamento das crianças e jovens em relação ao ambiente natural, o que afeta negativamente sua Conexão com a Natureza (CN) (HEGETSCHWEILER et al., 2022; HUGHES et al., 2019).

Os estudos de Higuchi e Calegare (2013) mostram resultados preocupantes de distanciamento e desconhecimento da natureza por jovens e professores no estado do Amazonas (AM). Conclusões semelhantes foram obtidas por pesquisas conduzidas no Rio Grande do Norte, focando a percepção de crianças sobre a mudança climática global (Farias, 2017). Esse cenário geral pode ter consequências sérias principalmente para as futuras gerações, quando vemos crianças e jovens cada vez mais distantes da natureza, impactando em seus níveis de CN.

Além dos evidentes benefícios para a saúde física e mental de crianças e adolescentes (CHAWLA, et al., 2020); RICHARDSSON et al., 2020), é fundamental considerar a saúde do meio ambiente, em particular dos ecossistemas naturais, que enfrentam sérios riscos. Estudos indicam que um alto grau de Conexão com a Natureza está relacionado a comportamentos mais ecológicos e sustentáveis (COLLADO et al., 2013; MACKAY; SCHMITT, 2019; MARTIN et al., 2020; WHITBURN et al., 2020).

As crianças, enquanto membros de uma espécie que se renova continuamente ao longo das eras, são, simultaneamente, parte integrante da natureza e da cultura. Como seres biológicos que se desenvolvem em interação com outros membros de sua espécie, conforme destacado por Vygotsky (1989), o desenvolvimento infantil não pode ser visto de forma isolada, mas como um processo contínuo de troca com o ambiente ao redor. Nesse contexto, a natureza desempenha um papel crucial no bem-estar social e emocional das crianças. Estudos contemporâneos reforçam essa visão, apontando que a conexão com o ambiente natural é essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos jovens. Louv (2005) alerta para a perda de experiências ao ar livre, um fenômeno que ele chama de “extinção da experiência”, que tem impactos negativos sobre a saúde mental das crianças. Nesse sentido, Chawla (2020) defende que experiências diretas com a natureza não apenas promovem o bem-estar, mas também formam atitudes de cuidado e respeito pelo meio ambiente. Além disso, a presença de áreas verdes em ambientes urbanos tem demonstrado benefícios significativos para a saúde mental e emocional das crianças, como demonstram Van den Bosch e Bird (2018), bem como Soga e Gaston (2016), reforçando a ideia de que a interação com a natureza é fundamental para o desenvolvimento pleno e saudável das crianças.

A natureza, como refere Chauí (2001), é mais do que um simples espaço físico; ela é

o princípio vital que dá origem e movimento aos seres vivos. Em sua visão, a natureza representa uma força espontânea capaz de gerar e cuidar dos seres por ela criados. Esse entendimento da natureza como força vital está intimamente relacionado à forma como as crianças experienciam o mundo ao seu redor. As crianças, por exemplo, demonstram uma afinidade natural com os espaços ao ar livre, onde podem expressar sua conexão com a vida em seu estado mais puro. Espinosa (1983) afirma que essa ligação das crianças com a natureza é uma forma de expressão da mesma natureza que permeia todos os seres vivos, pois a cooperação e a tendência à associação são características essenciais da vida. A interação com o ambiente natural, portanto, é uma manifestação dessa coevolução entre seres humanos e o mundo natural.

Nos primeiros anos de vida, as crianças interagem principalmente com pessoas e ambientes familiares. Esse cenário muda quando elas começam a frequentar a educação infantil, expandindo suas relações sociais para incluir professores, colegas e outros contextos fora de casa (Bhering & Sarkis, 2009). Nesse processo, elas estão inseridas em dois microssistemas principais: a família e a escola, com as interações em cada um desses ambientes desempenhando papéis distintos e impactando seu desenvolvimento de maneiras diferentes (Carvalho-Barreto, 2016). De acordo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (1979), o desenvolvimento é influenciado por processos proximais — interações recíprocas entre a criança e os elementos do seu ambiente imediato. Esses processos, descritos como os "motores do desenvolvimento", são fundamentais para o crescimento da criança, pois permitem que os potenciais de desenvolvimento se atualizem e influenciem os resultados desse processo de forma ativa e contínua.

A primeira infância, que engloba o período de 0 a 6 anos, é crucial para o desenvolvimento cerebral, sendo a fase em que se formam as estruturas e circuitos necessários para a aquisição de habilidades fundamentais, as quais servirão de base para o desenvolvimento de competências mais complexas ao longo da vida (King TM & Glascoe FP, 2003; BRENTANI et al., 2014).

A Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, proposta por Bronfenbrenner (1977, 1989, 1996), propõe uma abordagem que enfatiza a importância de compreender o desenvolvimento humano dentro de seus contextos naturais, ao invés de limitá-lo a ambientes controlados de laboratório. Essa teoria busca uma compreensão abrangente do desenvolvimento, considerando como os indivíduos vivenciam e percebem o mundo em seu ambiente diário. Ao analisar os diferentes sistemas e influências que cercam a pessoa, como a

família, a escola, a comunidade e a cultura, a abordagem ecológica oferece uma visão mais completa e realista do processo de desenvolvimento, reconhecendo que ele é moldado por uma rede complexa de interações e contextos.

Contudo, o afastamento das crianças dos ambientes naturais pode resultar em um enfraquecimento dessa relação. Autores da Psicologia Ambiental, como Profice (2010), argumentam que as crianças possuem uma predisposição inata para se aproximar e se familiarizar com a natureza, um comportamento conhecido como biofilia. Quando essa conexão é interrompida ou limitada, as crianças podem desenvolver sentimentos de desapego e indiferença em relação ao mundo natural. Esse distanciamento é, em parte, pode ser um reflexo da vida urbana moderna, onde o consumo e a presença constante de objetos substituem a interação direta com o meio ambiente. Como afirma Pereira (2003), a cidade moderna muitas vezes se apresenta como uma vitrine, e ser cidadão tornou-se um ato muitas vezes superficial, em que o ser humano se comporta como um mero consumidor de experiências e produtos, ao invés de se conectar de maneira profunda com o mundo natural.

Em um contexto social onde o tempo dedicado ao trabalho aumentou bastante, as interações entre adultos e crianças também diminuíram, afetando a qualidade da convivência familiar e o tempo de proximidade afetiva. De acordo com Elias e Dunning (1986), a forma como o tempo foi organizado no trabalho fez com que as pessoas tivessem menos tempo disponível para outras atividades. Além disso, Rifkin (1995) e Dumazedier (1969, 1988) afirmam que, embora a automação tenha criado mais tempo livre, esse tempo nem sempre foi usado para melhorar as relações familiares, o que contribuiu para a redução do tempo de convivência entre pais e filhos.

Nesse cenário, o consumo de objetos e produtos culturais se torna uma maneira de compensar a carência de vínculos afetivos genuínos. A sociedade atual valoriza excessivamente o "ter" em detrimento do "ser" (BOFF, 1999), criando uma realidade onde as crianças são mais seduzidas por brinquedos e produtos que pela vivência direta com a natureza. Essa falta de proximidade com o ambiente natural e com as figuras afetivas pode ter consequências duradouras no desenvolvimento emocional e social das crianças, limitando sua capacidade de formar uma relação saudável com o mundo ao seu redor.

O objetivo desta pesquisa é investigar como as crianças percebem a natureza e de que maneira as vivências proporcionadas pelos pais influenciam essa percepção. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa busca mapear as experiências que os pais oferecem às crianças no contexto da natureza, analisar o impacto dessas vivências no sentimento de pertencimento e

conexão das crianças com o meio ambiente e, ainda, descrever o entendimento das crianças sobre o conceito de natureza.

MÉTODO

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, sendo de natureza exploratória (GIL, 1999; LAKATOS, 1999; PRODANOV, 2013). A pesquisa qualitativa busca compreender o significado do fenômeno investigado, levando em consideração as crenças, sentimentos e pensamentos dos participantes, por meio de métodos como entrevistas (Marin et al., 2021). O caráter exploratório visa ampliar o entendimento sobre o fenômeno, servindo como uma etapa inicial para fornecer uma visão preliminar e contextualizada do tema (Gerhardt & Silveira, 2009). De forma geral, a pesquisa exploratória prepara o terreno para análises mais profundas, contribuindo para a construção de um quadro conceitual que permitirá investigações mais detalhadas em etapas posteriores (Gil, 2002).

PARTICIPANTES

Participaram 18 crianças matriculadas em duas escolas de educação infantil no município de Canoas-RS, com idade entre 5 e 6 anos, sendo 10 crianças do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Dentre elas, 5 possuem renda mínima, que mal dá para viver, e 13 possuem renda média, suficiente para cobrir as despesas e alguns gastos a mais. Não houve participantes com renda alta. Em relação à quantidade de árvores nas ruas do bairro onde moram, 12 pais responderam que há poucas árvores na rua, 5 responderam que há muitas árvores e 1 afirmou que não há nenhuma árvore na rua do bairro onde reside.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A pesquisa foi realizada seguindo todas as diretrizes éticas previstas na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília UnB sob o número do parecer 6.206.145, que trata dos Projetos em Rede - Políticas públicas para o desenvolvimento humano e social.

O TCLE e TALEs foram elaborados conforme as diretrizes fornecidas pelo Comitê de Ética e o consentimento, anonimato e o sigilo das respostas dos participantes, sejam dos alunos ou dos professores, foram respeitados, bem como a sua autonomia em decidir participar da pesquisa ou não. Essa pesquisa faz parte de um projeto de rede que engloba

universidades brasileiras de Manaus, Boa Vista, Natal, Distrito Federal, Ribeirão Preto além de Canoas, onde os dados deste artigo foram coletados e analisados.

ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

A coleta de dados com as crianças foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, nas quais foram utilizadas fotografias coloridas mostrando ambientes internos e externos, com e sem a presença de elementos naturais. Para cada questão, foram apresentadas duas imagens (A e B), e as crianças foram orientadas a escolher a que mais se relacionasse com o sentido da pergunta. As entrevistas ocorreram de forma individual, em ambiente reservado na própria escola, com o consentimento prévio dos responsáveis e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, a entrevista foi gravada em áudio para posterior análise.

Os pais foram convidados a responder um questionário contendo questões sociodemográficas e sobre as experiências de convivência com a natureza. Este questionário foi enviado juntamente com o TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para as crianças.

Instrumentos Utilizados na Pesquisa

Instrumento	Público	Objetivo
Entrevista lúdica semiestruturada com fotografia	Alunos	Investigar em quais ambientes as crianças se sentem mais atraídas em diferentes contextos.
Pergunta sobre a definição de natureza	Alunos	Questionar para o entrevistado qual a definição de natureza em duas palavras
Desenho sobre definição de natureza.	Alunos	Entrevistado desenhar o que é natureza para ele.
Questionário sobre experiências de	Responsável	Questionar quais são as atividades que a criança realiza em seu tempo

convivência com a natureza.		livre, fora do ambiente escolar.
Escala de Inclusão da Natureza no Self (INS).	Responsável	Visualizar o grau de conexão entre o indivíduo e o meio ambiente por meio de uma representação gráfica.
Questionário Sociodemográfico ²	Responsável	Mapear as características sociodemográficas da amostra

VIVÊNCIAS PROPORCIONADAS PELOS PAIS:

Para avaliar as vivências proporcionadas pelos pais foi realizado um questionário respondido por eles, entre as perguntas continha uma *‘Quando sua criança tem tempo livre, o que ela costuma fazer?’*

A partir da coleta de dados foram criadas 4 categorias baseada no número de aparições do que foi citado. A primeira categoria diz respeito ao uso de telas, como “Olha vídeos”, “Praticamente fica olhando desenho ou no celular olhando tiktok ”. A segunda categoria diz respeito a Brincar com seus brinquedos e atividades manuais, como, “Brinca” “Brinca, desenha e escreve”. A terceira categoria diz respeito a brincadeiras com a família, como, “Brinca com os primos, vamos bastante para a casa da bisá”. A quarta categoria diz respeito às atividades ao ar livre e ligadas à natureza como, “Brinca muito com seu cachorro”, “Anda de bicicleta”, “Brinca no pátio com a terra”.

Tabela de atividades realizadas no tempo livre respondida pelos pais³

Tipo de atividade	Número de aparições
Uso de telas	14
Brincar com seus brinquedos e atividades manuais	12
Atividade ao ar livre ligada à natureza	8

² Características demográficas mapeadas: Gênero, Idade, Ano em que estuda, Quantidade de residentes na mesma casa, Religião, Renda familiar.

³ Cada pessoa avaliada pode responder mais de uma atividade, contabilizada no número de aparições.

Tipo de atividade	Número de aparições
Uso de telas	14
Brincadeiras com a família	6

A primeira categoria refere-se ao uso de telas, conforme relatado pelos pais, com atividades como "Assiste desenhos" e "Praticamente fica olhando desenho ou no celular olhando tiktok e adora desenhar". Essa categoria representa a principal atividade realizada pelas crianças, sendo citada por 14 responsáveis. De acordo com as orientações da Sociedade Brasileira de Pediatria, crianças entre dois e cinco anos podem ter uma exposição de até uma hora diária a dispositivos como celulares e tablets, enquanto para crianças de seis a dez anos o limite aumenta para duas horas diárias. As experiências e interações das crianças com o mundo, incluindo o acesso a informações a qualquer momento e lugar, e o estímulo a imagens, cores, formas, sons e movimentos proporcionados pelos dispositivos eletrônicos, influenciam significativamente o comportamento infantil (Santos & Barros, 2017). Louv (2016), Nascimento (2018) e Aurélio (2010) ressaltam que as atividades realizadas em ambientes fechados ou mediadas por tecnologias e aparelhos eletrônicos (como telas, videogames e outros brinquedos eletrônicos) priorizam, o desenvolvimento cognitivo, enquanto progressivamente limitam o desenvolvimento dos sentidos e da sensibilidade das crianças. Além disso, as barreiras de acessibilidade e as preocupações com a segurança no ambiente urbano restringem a mobilidade física das crianças e seus cuidadores, impedindo-as de explorar livremente os espaços, correr e interagir com materiais, características comuns em ambientes naturais abertos. Isso não só limita o desenvolvimento motor, mas também compromete a autonomia, a independência das crianças e favorece o sedentarismo, resultando em impactos negativos na psicomotricidade e na atenção.

Além de limitar o tempo de exposição, é essencial equilibrá-lo com atividades físicas, brincadeiras ao ar livre ou interações com a natureza, promovendo um crescimento e desenvolvimento saudáveis, com afeto e bem-estar (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016).

A segunda categoria refere-se a "Brincar com seus brinquedos e atividades manuais" como "brinca com os brinquedos e desenha", "Brinca, escreve, desenha" "Pinta" ou simplesmente "brincar" sendo citado 12 vezes pelos responsáveis. Segundo Furia (2016), a brincadeira permite à criança explorar e testar sua relação com o mundo, desenvolvendo habilidades essenciais para o futuro. Durante esse processo, ela aprende a tomar decisões,

negociar, esperar, se organizar e compreender aspectos importantes de seu desenvolvimento. Além disso, a criança experimenta o "eu" em ação, testando seus desejos e capacidades. Winnicott (1975) já afirmava que a criatividade é uma expressão da identidade da criança, que se manifesta quando ela tem espaço, liberdade e um ambiente tranquilo para brincar. Quando a brincadeira acontece de maneira saudável, ela contribui para a construção de uma identidade segura e fortalece a confiança e o bem-estar, beneficiando tanto a criança quanto o adulto.

A terceira categoria refere-se às atividades ao ar livre e ligadas à natureza, representando 8 menções, incluindo atividades como “brincar na terra”, “andar de bicicleta” ou “brincar com os cachorros”. Louv (2018, p. 70) destaca que o tempo dedicado ao brincar ao ar livre é crucial para o desenvolvimento infantil saudável. Em pesquisas realizadas na Noruega e na Suécia com crianças em idade pré-escolar, foi observado que aquelas que brincaram em áreas naturais apresentaram melhores resultados em testes de coordenação motora, em comparação com as que brincaram em playgrounds convencionais. Tiriba (2018) enfatiza que o brincar ao ar livre favorece a interação entre as crianças, permitindo um processo gradual de encontro e contato com os outros. Esse tipo de atividade oferece valiosas oportunidades para o desenvolvimento de habilidades sociais, como empatia, escuta, colaboração e resolução de conflitos. Essa interação com os animais está profundamente conectada a uma visão ecológica, que reconhece os seres vivos como partes de comunidades interdependentes. Capra (1999) destaca que, ao entendermos essa rede de interrelações, passamos a reconhecer o valor intrínseco da vida não humana, o que implica um novo sistema ético. Nesse contexto, Boff (2005) propõe que o bem-estar deve ser sociocósmico, abrangendo todos os seres da natureza, e não apenas os seres humanos, como sugere o antropocentrismo. A interação com os animais e o meio ambiente, portanto, contribui para uma conscientização mais ampla, que valoriza a liberdade e o respeito por todos os seres vivos. Historicamente, o ser humano perdeu o contato com a natureza e os animais, mas, ao reconhecer a senciência desses seres, passa a refletir sobre sua responsabilidade ética em relação a eles (Schweitzer, 1987; Bacon, 1857/1984, citado por Capra, 1988; Bentham, 1789; Singer, 2004).

A quarta categoria refere-se às brincadeiras com a família, como “brinca com os primos, vamos bastante na casa da bisã” e “brinca com os irmãos”, sendo citado por 6 responsáveis. A interação da criança com adultos e outras crianças é fundamental para a estimulação adequada no contexto familiar. Esses processos interativos, conhecidos como processos proximais, são essenciais para o desenvolvimento da criança, ajudando-a a

aprimorar sua percepção e a controlar seu comportamento. Além disso, essas interações contribuem para a aquisição de conhecimentos e habilidades, permitindo que a criança estabeleça relações e construa seu ambiente físico e social (Bronfenbrenner & Ceci, 1994).

Para entender as experiências vivenciadas pelas crianças com seus pais, realizamos perguntas como: ***"Qual é o lugar que você mais gosta de ir com seus pais? O que é interessante nesse lugar? O que vocês fazem quando vão lá?"***

A partir das respostas das crianças foram criadas duas categorias, os ambientes estruturados que diz respeito a locais como shopping, parque de diversões, centro da cidade e trabalho dos pais. A segunda categoria diz respeito a ambientes semi naturais como pracinha e praia.

Tabela de atividades preferidas pelas crianças:

Tipo de atividade	Número de respostas:	%
Ambientes estruturados	10	55,56%
Ambientes seminaturais	7	38,89%
Nenhuma	1	5,56%
Total	18	100%

Os resultados da pesquisa indicam que dentro dos ambientes estruturados, o shopping é o local preferido por muitas crianças, com atividades como "tomar sorvete" e "brincar nos brinquedos do shopping" sendo as mais mencionadas. Pesquisas apontam que muitas famílias que vivem em grandes centros urbanos enfrentam dificuldades para proporcionar aos filhos um contato regular com a natureza, o que limita as oportunidades de fortalecer esse vínculo emocional com o meio ambiente (BRITO, 2018; ZACARIAS, 2018). Isso reflete uma tendência das crianças de se engajarem em atividades estruturadas e urbanas, como aponta a pesquisa de Corraliza (2011). O estudo revela que o distanciamento da natureza e a maior exposição a ambientes urbanos podem comprometer o bem-estar psicológico das crianças, reduzindo suas chances de recuperação emocional e influenciando negativamente seu comportamento. Embora os ambientes estruturados possam ser agradáveis e divertidos, elas não proporcionam o mesmo tipo de benefício psicológico e sensorial que as experiências imersivas na natureza. O estilo de vida urbano tem diminuído as oportunidades de contato das

crianças com a natureza. Cada vez mais, pais e educadores, que deveriam facilitar o acesso a experiências enriquecedoras em ambientes naturais, acabam se mostrando indiferentes a essa responsabilidade, influenciados por diversos fatores (ZACARIAS, 2018; PAZ, 2022).

Em primeiro lugar da categoria semi-naturais, as crianças mencionaram a pracinha como o local preferido, com atividades como brincar no balanço e no escorregador, além de cheirar as flores e fazer piquenique pesquisas como a de Louv (2016) mostram que atividades ao ar livre, como caminhar em parques, ajudam a melhorar a atenção e o comportamento das crianças.

Dentro da categoria de ambientes naturais as crianças também indicaram a praia como uma das opções preferidas, embora em menor número, mencionando atividades como fazer trilhas, tomar banho de mar, tirar o tênis para sentir a areia e viajar de carro. Esse tipo de experiência, que envolve uma conexão mais profunda com a natureza, está relacionado ao desenvolvimento motor e sensorial da criança. Cezário (2008) enfatiza que o movimento corporal durante atividades ao ar livre, como correr, escalar ou nadar, estimula várias áreas sensoriais do corpo, além de contribuir para o desenvolvimento do equilíbrio e da coordenação motora. Essas experiências, tão fundamentais para o crescimento infantil, proporcionam oportunidades para as crianças se desafiarem, explorarem o ambiente e melhorarem suas habilidades cognitivas e motoras.

QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS PAIS

No questionário, os responsáveis foram convidados a avaliar o quanto acreditavam que seus filhos estavam conectados com a natureza, utilizando uma escala de A a G. A categoria A, B e C representa o nível mais baixo de conexão, caracterizado por um grande distanciamento entre o "eu" e a natureza, enquanto D e E indicam um nível médio de envolvimento. Já as categorias F e G representam o nível mais alto, em que "eu" e natureza se percebem como um só.

Veja essas figuras. Cada uma delas representa um elo com a natureza.

Qual deles melhor descreve o quanto você acredita que seu/sua filho/a é ligado/a à natureza?



Os resultados mostraram que a resposta mais frequente dos pais foi a D (sendo indicada por 6 responsáveis), posteriormente, os responsáveis indicaram a letra E, totalizando

11 respostas dentro da categoria “Meio conectado”, correspondendo a 61,11%. Em segundo lugar a categoria “Pouco conectado” teve 6 respostas, correspondendo a 33,33%. E em terceiro lugar a categoria “Muito Conectado” teve apenas 1 resposta correspondendo a 5,56%, nenhum responsável marcou a letra G que corresponde ao maior nível de conexão com a natureza.

Respostas por ordem alfabética	Categorias com nível de conexão	Respostas por categoria
A: 2 vezes	A-B-C POUCO CONECTADO	6 Respostas
B: 1 vez	D - E - MEIO CONECTADO	11 Respostas
C: 3 vezes	F - G - MUITO CONECTADO	1 Resposta
D: 6 vezes		
E: 5 vezes		
F: 1 vez		
G: 0 vezes		

Considerando que os pais são os adultos de maior proximidade e acompanhamento das suas crianças, os resultados sugerem que, embora haja algum contato com o ambiente natural, esse contato não é constante ou suficientemente profundo, o que pode indicar um nível de envolvimento moderado com a natureza, conforme os resultados indicaram. A categoria "Pouco Conectado", com 33,33% das respostas, também apresenta uma porcentagem relevante, o que indica que um número significativo de pais acredita que seus filhos têm pouco envolvimento com a natureza. Esse resultado pode refletir fatores como a crescente urbanização, a falta de espaços naturais acessíveis e a preferência por atividades mediadas por tecnologias, como já mostrado na tabela anterior, onde as atividades digitais predominam no tempo livre das crianças, o que pode limitar o vínculo com o meio ambiente

natural. A escassez de experiências que permitam uma conexão mais profunda com o meio ambiente pode prejudicar o bem-estar psicológico e o desenvolvimento emocional das crianças. Especialmente aquelas com poucas experiências de convívio com a natureza em suas famílias ou escolas, que acabam mantendo um distanciamento e, conseqüentemente, baixos níveis de conexão com a natureza (Louv, 2016).

A categoria "Muito Conectado", com apenas 5,56% das respostas, indica que apenas um pequeno número de responsáveis acredita que seu filho tem um alto nível de conexão com a natureza. Isso é reforçado pela ausência de respostas na letra G, que corresponde ao maior nível de conexão, evidenciando que a maioria das crianças não está desenvolvendo uma relação profunda com o meio ambiente natural. Esse distanciamento com a natureza gera preocupações, pois pesquisas indicam que a desconexão com os ambientes naturais está diretamente relacionada a diversos impactos negativos para as crianças. Schultz (2002) e Rasteiro (2021) afirmam que as relações que temos com o mundo natural são frequentemente antropocêntricas, refletindo uma falta de consciência sobre os efeitos do nosso distanciamento da natureza. De acordo com estudos de Collado e Coraliza (2015), Louv (2016), Petrovska e Zivanovic (2010), e outros, a desconexão com a natureza contribui para comportamentos prejudiciais à saúde, como aumento de transtornos de déficit de atenção, depressão, ansiedade, estresse e obesidade (Veselinovska; Wells; Evans, 2003; World Health Organization, 2016; Zacarias, 2018).

AS PREFERÊNCIAS DAS NOSSAS CRIANÇAS - DO NOSSO FUTURO

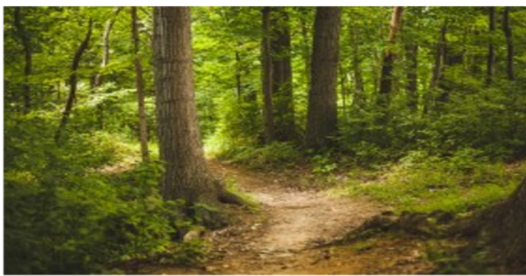
Durante a entrevista lúdica com as crianças foram mostradas algumas imagens para que pudéssemos entender sua conexão com a natureza. O protocolo das crianças continha perguntas sobre atividades desenvolvidas ao ar livre e o entendimento sobre natureza. Em cada pergunta apresentava-se duas fotos identificadas como A e B. Diante das perguntas relativas àquele ambiente retratado, as crianças escolhiam entre duas fotos, aquela que remetesse ao sentido da questão apresentada.

De acordo com Gomes Filho (2002:105), a fotografia serve como um meio que revela um mundo com uma linguagem sutilmente incorporada em nosso repertório cognitivo, emocional e sociocultural. Através dessa ferramenta, é possível explorar práticas, costumes e emoções, aproximando diferentes formas de expressão e decodificando significados que são, muitas vezes, compartilhados, mas não necessariamente explícitos. Por meio da visualização das imagens, um conjunto de ideias é temporariamente acessado, expondo aspectos que dificilmente seriam expressos de outra forma.

No contexto da pesquisa, ao apresentar imagens para as crianças, elas utilizam a percepção como ferramenta para construir o conhecimento, como sugere Piaget (1978). A escolha entre as fotografias permite que as crianças interajam com os elementos do ambiente e construam representações da realidade com base em suas capacidades cognitivas e experiências pessoais. Essas escolhas revelam, portanto, como a criança organiza e compreende sua relação com o ambiente, traduzindo-a em uma representação simbólica da realidade.

As imagens fotográficas, assim, oferecem uma análise qualitativa fundamental para compreender certos processos socioambientais, como, por exemplo, o vínculo emocional com o lugar de residência. Esse vínculo é caracterizado por um complexo processo psicológico ligado à identidade e à continuidade temporal dos indivíduos (Proshansky, 1976, 1978, 1983).

Imagem 1: Agora veja essas fotos de lugares na natureza. Em qual delas você gostaria de passear com seus pais? O que você acha que tem de legal nesse lugar? E nesse outro o que você acha que não gostaria tanto?



A



B

A foto A retrata um ambiente onde a natureza se mostra de forma mais selvagem e natural, enquanto a foto B apresenta um cenário onde a natureza é mais organizada e adaptada ao ambiente urbano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das respostas, foi possível identificar que **15 crianças escolheram a imagem B**, com preferência por espaços abertos e recreativos, enquanto, **3 crianças escolheram a imagem A**, com preferência pela valorização da natureza e experiências sensoriais.

A maioria das crianças demonstrou uma clara preferência por locais amplos e abertos, onde pudessem brincar livremente. Esses locais são descritos por elas como áreas onde as crianças podem brincar livremente, correr, jogar bola e passear com o cachorro. A principal razão para essa escolha está na sensação de liberdade e segurança proporcionada

por esses ambientes, que permitem uma melhor visualização do que está ao redor. Algumas crianças destacaram que, em ambientes como os da imagem B, é possível se divertir sem a preocupação de se perder ou de ser "atrapalhado" por elementos naturais, como o mato roçando na perna, raízes expostas ou ambientes onde poderiam se sentir perdidas ou em perigo. As crianças também associam ambientes fechados ou com vegetação densa a sensações desconfortáveis, como o medo de encontrar animais ferozes.

Elliott e Davis (2018) identificam diversas razões para a crescente desconexão entre as crianças e a natureza, como a adequação dos tempos de lazer às rotinas dos adultos, a diminuição do acesso a espaços naturais em função da urbanização e da infraestrutura de transporte, além do receio dos pais em relação à segurança, aos riscos, à sujeira e às condições climáticas adversas para atividades ao ar livre. Outro fator importante é a crescente preferência das crianças pelo uso de tecnologias digitais. Esses elementos refletem-se nas justificativas apresentadas pelas crianças em relação à imagem B: *"Não gostei muito das folhas porque não estão tão verdes como na A"*, *"Na B, pode-se se perder ou se machucar"*, *"Gostei da B, porque não tem tanto mato como na A e não machuca a perna"*, *"Não gostei da A, porque lá tem animais perigosos"*, *"Na A é uma floresta, e pode-se se perder"*, *"Não gostei do lugar da A, com o chão e as raízes expostas"*. Essas respostas indicam o desconforto e os temores das crianças em relação a ambientes naturais mais rústicos e não tão modificados pelo ser humano.

As 3 crianças que escolheram a **imagem A** demonstraram um apreço evidente por ambientes naturais, como trilhas, florestas e áreas com árvores. Esse padrão é claro nas justificativas, onde mencionaram aspectos como "gostar de ver as árvores" e a presença de "bichos". O contato direto com a natureza parece ser uma experiência valorizada por essas crianças, que associam esse tipo de ambiente a uma experiência sensorial rica, o que reflete a importância que o contato com a natureza tem no desenvolvimento infantil, especialmente no que se refere à exploração e aprendizado através dos sentidos.

Além disso, as crianças que escolheram a imagem A associaram a natureza a experiências sensoriais e vivências pessoais. A valorização de características como a visão das árvores reforça a ideia de que essas crianças buscam um ambiente que proporcione uma imersão sensorial mais profunda.

Por exemplo, uma das crianças que escolheu a imagem A afirmou que "tem floresta, gosta de ver as árvores", indicando uma forte preferência por ambientes densamente vegetados. Outra criança justificou sua escolha dizendo "porque é uma trilha. Na B não tem quase nada", destacando a diferença entre um ambiente com mais vida e outro que oferece

menos estímulos naturais. Essas respostas evidenciam o interesse das crianças por locais onde possam explorar e interagir diretamente com a natureza.

Imagem 2: Veja essas fotos de crianças brincando. Qual desses lugares você acha que é mais divertido? O que tem aqui que faz ser mais divertido?



RESULTADOS E DISCUSSÃO:

9 crianças escolheram a imagem A, e a tendência observada entre elas foi uma clara preferência por espaços que envolvem brinquedos e atividades estruturadas. As justificativas fornecidas apontam que os brinquedos foram o principal atrativo, com algumas crianças destacando que "os brinquedos são o que mais gostaram e o que faz o espaço mais divertido" e outras afirmando simplesmente "gostou dos brinquedos". Esse foco nos brinquedos e em atividades planejadas sugere que as crianças que optaram pela imagem A associam ambientes mais organizados e controlados, o que remete a espaços tradicionais, como escolas ou parques infantis, que oferecem atividades pré-definidas. Uma justificativa de uma criança ilustra bem essa percepção: "Gostou da A porque afirmou ser uma escola que tem pracinha, e porque pode levar brinquedo. Não quis a outra porque é um lugar que, se tu levar boneco, pode perder. Porque ali é maior e a escola é menor."

Esse comportamento também reflete a necessidade de reconectar as crianças com a natureza, um aspecto fundamental para a saúde física e emocional. Como aponta Profice (2016), a privação de interação com o ambiente natural pode aumentar distúrbios físicos e emocionais. Louv (2016), Nascimento (2018) e Aurélio (2010) destacam que a vida urbana, marcada por espaços fechados e mediada por tecnologias, limita a mobilidade física das crianças. As dificuldades de acessibilidade e segurança impedem-nas de explorar e interagir com ambientes naturais, afetando seu desenvolvimento motor, autonomia e capacidade de atenção. Esse distanciamento pode gerar prejuízos no desenvolvimento psicomotor e atencional, como exemplificado pela justificativa de uma criança: "Gostou da A porque tem brinquedo, e na B tem que correr", refletindo uma clara preferência por atividades mais

estruturadas em vez da liberdade proporcionada por ambientes naturais abertos.

9 crianças escolheram a imagem B, demonstrando uma clara preferência por espaços ao ar livre que oferecem maior liberdade de movimento, como locais onde podem correr ou brincar com os amigos. De acordo com Peralta (2018), experiências em ambientes externos, com exploração segura, criativa e lúdica, favorecem a curiosidade, a contemplação e as emoções, estabelecendo vínculos fortes entre as crianças e a natureza. Isso fica evidente nas respostas das crianças, como a de uma delas que afirmou: "Pode correr e brincar com os seus amigos", "Pode correr", e "Brincar de batatinha frita". A presença de atividades físicas e a interação social com outras crianças se destacam como elementos centrais na escolha desse tipo de ambiente. Uma criança, por exemplo, justificou sua escolha afirmando: "Gostou da B porque tem crianças, e gosta de fazer amizade."

Uma das crianças relatou que gostou da natureza da imagem B, o que pode ser interpretado à luz da ideia de Tubino (2021), que defende o "desemparedamento" das crianças. Ao conectá-las com o mundo exterior, essa interação com o ambiente natural fomenta o desenvolvimento de uma cidadania mais plena e consciente, permitindo que as crianças se apropriem do espaço de maneira mais significativa e construtiva.

Além disso, estudos de Rolim, Frezza e Cavalcante (2022) e Barros (2018) afirmam que ambientes verdes e elementos naturais têm um impacto positivo duradouro na vida das crianças, não só no aspecto cognitivo, mas também no desenvolvimento do bem-estar emocional. Esse ponto é reforçado por uma das crianças que explicou: "Gostou da grama na B. Na A tem muitas coisas e não tem espaço para correr."

Imagem 3: Agora veja essas fotos de lugares para brincar na escola. Em qual você gostaria mais de brincar? O que tem nesse lugar que deixa ele legal?



A



B

As imagens apresentam ambientes escolares: a foto A exibe uma sala com brinquedos organizados e atraentes, enquanto a foto B mostra um parque colorido localizado em um ambiente externo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As 14 crianças que escolheram a imagem B demonstraram uma clara preferência por espaços de lazer com diversas opções de brinquedos. Muitos destacaram o parquinho e o escorregador como os elementos mais atrativos. Uma criança, por exemplo, mencionou que gostou do "escorregador muito legal", enquanto outra preferiu a imagem B devido ao maior número de brinquedos presentes. Além disso, brinquedos como túnel e casinha também foram frequentemente citados como justificativas para essa escolha. Algumas crianças destacaram atividades ao ar livre, como correr e brincar com os amigos, como aspectos que tornaram a imagem B mais interessante. Uma criança, especificamente, observou que na imagem A não havia espaço suficiente para correr, o que reforçou a preferência por ambientes mais amplos, com maior liberdade de movimento.

Entre as 4 crianças que escolheram a imagem A, as justificativas mais comuns se concentraram na preferência por brinquedos. Como já mencionado, Louv (2016) destaca que ausência de interação com ambientes naturais favorece o sedentarismo, resultando em prejuízos diretos na psicomotricidade e na capacidade atencional, o que pode ter efeitos duradouros no desenvolvimento geral das crianças. Esse ponto é ilustrado nas justificativas de algumas crianças, como a que afirmou gostar mais da imagem A por conta dos brinquedos e lugares para *sentar*, enquanto a imagem B não atendia a essas preferências.

Baixos níveis de Conexão com a Natureza (CN) podem, em maior ou menor grau, impactar negativamente a saúde das crianças, além de enfraquecer a necessidade de proteção do ecossistema. Com o tempo, as crianças podem desenvolver aversão ou estranhamento em relação à vegetação e aos ambientes naturais, como observamos na resposta de uma criança que não gostou da presença de *areia* na imagem B. Uma infância distante da natureza pode contribuir para a formação de cidadãos desinteressados em conviver com o mundo natural e em proteger esse ecossistema, como apontado por Cheng e Monroe (2012) e Clayton et al. (2017).

Uma das crianças mencionou que gosta de animais, apontando para a girafa. Esse comentário nos leva a refletir sobre como a literatura classifica os diferentes tipos de contato com a natureza. Dias (2019) descreve o contato vicário como uma aproximação visual e contemplativa, onde a natureza é observada por meio de filmes, vídeos, quadros, ou até

mesmo através de uma janela, sem o contato físico direto com o ambiente natural. Nesse tipo de interação, o corpo, com base em experiências anteriores, consegue reproduzir sensações semelhantes às vivenciadas no ambiente natural. No caso da criança, ao se referir à girafa, ela não está interagindo diretamente com a natureza, mas sim com uma representação do animal, o que demonstra uma percepção mediada por imagens e experiências anteriores, ao invés de um contato real e direto com o mundo natural.

Imagem 4: Veja essas fotos de crianças estudando na escola. Em qual desses lugares você acha que é mais gostoso de estudar? O que tem nesse lugar que você gostou? Como você acha que seria ter uma aula nesse lugar?



A



B

Este conjunto de fotos apresenta crianças em ambientes distintos de aprendizagem. A foto B mostra uma criança em um ambiente interno, utilizando um computador, enquanto a foto A exibe uma criança realizando uma atividade ao ar livre, com uma prancheta de anotações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

10 crianças responderam que escolheriam a imagem B. A principal justificativa para essa escolha foi o fato de a imagem B apresentar um computador, o que despertou o interesse de uma criança, que afirmou que poderia pesquisar sobre matemática, sua matéria preferida.

Segundo Faria e Salles (2012), ao longo da história, a humanidade desenvolveu um modelo de crescimento insustentável que afastou o ser humano da natureza, resultando em sérios problemas ambientais e sociais, com impactos negativos nas esferas social, econômica e cultural. As crianças, hoje, estão inseridas nesse contexto, onde as transformações e inovações nem sempre promovem o bem-estar humano. Um exemplo disso é o relato de uma criança que mencionou que, na imagem A, havia "bichos ferozes", como cobra, aranha e

tigre, o que a fez preferir a imagem B, refletindo o distanciamento crescente entre o ser humano e o ambiente natural, além de mostrar a influência do imaginário na percepção das crianças sobre a natureza.

Conforme mencionado por algumas crianças, elas demonstraram preferência pela imagem B, justificando que "pode comer o lanche na mesa, e escrever no teclado". Outra criança afirmou que preferiu a imagem B porque "tem parede, e na A não tem parede, nem apontador", "Acha que seria uma aula tranquila, olhando vídeos e estudando". Essas respostas indicam uma clara valorização de ambientes mais estruturados e organizados, onde os recursos e a segurança parecem ser fatores importantes na escolha do ambiente, refletindo uma tendência por espaços controlados e com mais comodidades, algo que Faria e Salles (2012) apontam como resultado do modelo de desenvolvimento humano que prioriza ambientes fechados em detrimento da interação com o ambiente natural.

As 8 crianças que escolheram a imagem A revelam um forte apreço por elementos naturais, como árvores, animais e o vento, demonstrando a importância dessas experiências sensoriais na formação da percepção que as crianças têm do mundo ao seu redor. Por exemplo, uma criança mencionou que seria "legal encontrar um monte de bichinhos", enquanto outra destacou a presença das árvores e dos passarinhos cantando como fatores que tornaram o ambiente mais atraente e interessante. Outras respostas indicam que a ideia de estar em um ambiente ao ar livre, com o vento, geraria uma experiência "diferente", algo que as crianças valorizam por se tratar de uma vivência fora do convencional.

Esse interesse pelas características naturais pode ser explicado pelo fato de que a natureza proporciona estímulos diferenciados, capazes de desafiar as capacidades das crianças e ajudá-las a desenvolver novas habilidades. Rambo e Roesler (2019) afirmam que a interação com o ambiente natural oferece oportunidades para as crianças aprenderem de forma prática e significativa, ampliando suas percepções sensoriais e habilidades motoras.

Além disso, como destaca Mendonça (2005), o aprendizado em ambientes naturais tem um impacto positivo no interesse das crianças, que se tornam mais engajadas e satisfeitas quando podem explorar elementos da natureza. Nesse sentido, as crianças demonstraram grande entusiasmo ao mencionar atividades que envolvem o contato com o ambiente natural, como "brincar" e "escrever" em um cenário ao ar livre. Esse tipo de experiência é visto como uma oportunidade para a construção de um vínculo mais forte com o meio ambiente, além de proporcionar uma aula "diferente", como mencionou uma das crianças, que se imaginou estudando "com o caderno na floresta".

Portanto, a escolha pela imagem A reflete o desejo das crianças por ambientes

naturais que estimulam suas habilidades cognitivas e motoras, ao mesmo tempo que lhes proporcionam um espaço de diversão e aprendizado. Esses aspectos ressaltam a importância de ambientes ao ar livre na educação infantil, como ressaltado por Rambo e Roesler (2019) e Mendonça (2005), que destacam os benefícios de uma educação que vai além dos limites da sala de aula convencional.

RESULTADO E DISCUSSÃO GERAL

Apesar de não constituírem a maioria, as crianças que escolheram o ambiente mais natural apresentaram uma variedade de justificativas para suas escolhas. Elas destacaram aspectos como a observação de animais, o canto dos pássaros, o vento e a oportunidade de exploração como fatores que tornavam o ambiente natural mais atraente. Muitas também mencionaram a ausência de medo em relação aos animais, evidenciando um apreço por eles. A liberdade para se movimentar, correr e interagir com outras crianças foi outro ponto citado, ressaltando a importância da natureza para o desenvolvimento físico, social e emocional. Essas crianças demonstraram uma conexão mais profunda com a natureza, expressando sensações de bem-estar, criatividade e flexibilidade psicológica, aspectos essenciais para um crescimento saudável e equilibrado.

Além disso, podemos observar que pais que proporcionam vivências mais imersivas na natureza, como levar os filhos à praia, refletem diretamente nas escolhas das crianças. Ao escolher a imagem A (da floresta), elas mencionam experiências sensoriais e de bem-estar, como "sentir o vento", "fazer trilha" e a ausência de medo em relação aos animais. A única pergunta em que as crianças demonstraram meritoriamente preferência por um ambiente mais natural foi: *"Agora veja essas fotos de lugares para brincar na escola. Em qual você gostaria mais de brincar? O que tem nesse lugar que deixa ele legal?"* Muitas destacaram a presença de brinquedos e a possibilidade de correr como fatores que tornavam o ambiente mais atraente. Isso nos leva a refletir sobre a importância do espaço físico e da interação com o ambiente na formação das preferências das crianças. Esse comportamento sugere que, apesar de estarem imersas em um cotidiano tecnológico e em espaços mais controlados, as crianças ainda valorizam a liberdade de movimento e a conexão com o mundo natural nas atividades recreativas, algo essencial para o seu desenvolvimento físico e social.

As crianças que optaram por ambientes mais estruturados e não naturais demonstraram certo estranhamento em relação a elementos da natureza. Expressaram desconforto com a areia, o mato, as raízes expostas e até medo de animais, associando os ambientes mais naturais a algo negativo. Esse distanciamento revela uma preferência por

conforto e segurança, o que pode contribuir para o sedentarismo, como observado nas respostas de crianças que preferiram uma aula "tranquila" em um ambiente digital, com o computador. Algumas delas mencionaram que prefeririam um lugar “onde tem lugar para sentar”. Esse comportamento está intimamente ligado ao uso frequente de telas, presente no cotidiano dessas crianças, conforme indicado pelos pais.

O distanciamento das crianças em relação à natureza fica claro nas justificativas, nas quais muitas vezes associam a natureza a ambientes modificados pelo homem. Um exemplo disso é uma criança que escolheu uma foto de um ambiente modificado e justificou sua escolha dizendo que gosta de animais, apontando para uma girafa desenhada na parede. Esse comportamento demonstra um contato vicário, ao invés de um contato direto com o ambiente natural. Essa forma de interação dificulta a criação de uma conexão mais profunda com a natureza, limitando a exploração do mundo natural real, como poderia ocorrer na imagem B, que mostrava um ambiente com areia e céu aberto, permitindo um contato direto com a natureza.

Com o mundo natural enfrentando níveis de estresse sem precedentes devido à degradação ambiental, as crianças estão cada vez mais expostas a relatos sobre mudanças climáticas, perda de espécies e outros impactos globais (Díaz et al., 2019; IPBES, 2019). Em suas experiências, elas não apenas percebem essas transformações, mas também vivenciam a realidade de ambientes alterados. Um exemplo disso é o relato de uma criança que desenhou uma casa, uma piscina, uma árvore, o chão e o mar, mencionando que o local representado já havia visitado antes da enchente. Ela compartilhou com entusiasmo que gostava muito daquele lugar, onde costumava ir com seus pais, mas também refletiu sobre as mudanças trazidas pela destruição de sua antiga escola pela enchente. Em sua nova escola, ela encontrou um ambiente diferente, embora estivesse se adaptando bem e fazendo novos amigos. Essa criança descreveu sua antiga escola, mencionando que o pátio tinha uma estrutura parecida com a da imagem B, onde ela podia brincar ao lado da escola. Esse relato revela como as experiências das crianças estão sendo moldadas por um mundo em constante transformação, no qual o contato com a natureza e as memórias de espaços antes conhecidos são afetados por desastres naturais e mudanças no ambiente.

DEFINIÇÃO DE NATUREZA

As crianças foram instruídas a responder uma pergunta com o objetivo de obter palavras-chaves ligadas à natureza (*“descreva em duas palavras o que lhe vem à cabeça quando ouve falar em natureza”*) e realizar um desenho que representasse a natureza para

elas. Ao fim, uma entrevista semi-estruturada foi aplicada com o objetivo de investigar o conteúdo do desenho através do discurso. Posteriormente, os dados foram descritos para análise, sendo utilizado o método de conteúdo categorial (Bardin, 2006) para agrupamento dos elementos descritos em categorias temáticas.

A partir da triangulação das respostas obtidas através dos instrumentos selecionados, foram criadas quatro categorias, a primeira categoria refere-se a “Elementos Naturais”, diz respeito a vegetação, céu, fenômenos meteorológicos, ambientes aquáticos, alimentos, cenário natural, animais, figuras humanas e solo. A segunda categoria diz respeito a “Elementos inanimados”, que são invenções humanas. A terceira categoria diz respeito a “Comportamentos” que podem ser de destruição ou preservação. A quarta categoria diz respeito a “Emoções positivas” .

Definição de natureza

Categorias	Aparições		
	Palavras	Desenho	Entrevista
	n	n	n
Elementos Naturais	25	38	40
Elementos Inanimados	0	4	6
Comportamentos	0	0	2
Emoções	4	2	2

Estas palavras e representações podem ter sua origem nos tipos de vivências e experiências oferecidas a essas crianças, nas quais o conceito de natureza estava presente. Através dessas experiências, as crianças passam a associar certos elementos à natureza. O conhecimento e a apropriação desse conceito requerem diversas inserções e interações com o ambiente natural para que se consolide de forma significativa. Nesse contexto, as crianças demonstram, por meio de suas palavras, desenhos e entrevistas, como o conceito de natureza é internalizado e como suas experiências influenciam essa compreensão.

RESULTADOS

Dentro da categoria de **Elementos Naturais**, a vegetação teve maior aparição tanto em palavras como “Flores e mato” e “Árvores e plantas”. No desenho, a vegetação também estava sempre presente, desenhada como “Grama, flores e árvores”; durante a entrevista, também apareceu nesse formato.

Na categoria de **Elementos Inanimados**, não houve nenhuma menção em palavras, e, durante o desenho, apareceu como “Casinha, balanço de pneu, janela, estrada e brinquedos”. Durante a entrevista, apareceu como “piscina, praça e brinquedos”.

Na categoria de **Comportamentos**, durante a entrevista, não houve comportamento de destruição por parte das crianças, apenas comportamentos de preservação, como “A grama está muito grande”, e uma participante “explicou que a flor precisa nascer com semente e desenhou a flor com capuz, para caso chova, ela estar protegida”. Isso está diretamente ligado ao sentimento de cuidado. A mesma afirmou que a mãe compra várias flores coloridas parecidas com a do desenho.

Dentro da categoria de **Emoções**, tivemos palavras como “Árvores começam a nascer, e as florzinhas começam a crescer, e isso dá alegria para a gente”, além de sentimentos de apreciação pela natureza, como “Eu penso que a natureza é bonita”, “Ama a natureza” e “Amor pelos animais”. No desenho, tivemos a aparição de corações.

Tabela entrevista sobre o desenho “Natureza”

Categorias		
	n	Relatos:
Experiências Proporcionadas por Responsáveis e Escola:	11	“ Relata já ter visto na natureza, na árvore da escola” , “Relatou que já foi no local do desenho que é perto da casa dela mas na cor branca, a mãe compra várias flores coloridas tipo a do desenho.”
Representações criadas:	6	“Sonhou” e “Imaginou” "uma selva à noite",

"uma flor conversando com outras flores em um espelho mágico, como no conto da Branca de Neve" e "um jacaré e um porco-espinho no mar".

Interação digital:

1

“Já viu esse local no youtube por esse motivo fez a tela do computador.”

DISCUSSÃO

Piaget (2005) afirma que compreender o processo de formação das representações do mundo e como organizamos as categorias que compõem a nossa realidade, com a qual interagimos e nos comunicamos, nos permite refletir sobre os estímulos que as crianças recebem dos adultos. Caso esse entendimento não seja claro para pais e educadores, isso acaba impactando também a forma como as crianças compreendem o mundo ao seu redor.

Durante a entrevista, foi perguntado às crianças se o local que haviam desenhado existia, se elas já haviam visitado ou se conheciam o ambiente representado. 33,33% das crianças relataram ter imaginado o ambiente que desenharam, apresentando produções bastante elaboradas, como "uma selva à noite", "uma flor conversando com outras flores em um espelho mágico, como no conto da Branca de Neve" e "um jacaré e um porco-espinho no mar". Esses desenhos demonstram uma clara tendência à fantasia e ao irreal, sugerindo uma desconexão com a natureza real. As crianças parecem ter um contato vicário com o mundo natural, mediado por filmes e desenhos animados, em vez de vivenciarem diretamente o ambiente natural. Essa desconexão com a realidade da natureza pode estar relacionada ao aumento do tempo gasto em atividades como assistir televisão, jogar jogos digitais e interagir nas mídias sociais, que têm sido associadas a níveis mais baixos de conexão com a natureza na infância (Bruni & Schultz, 2010; Larson et al., 2019; Michaelson et al., 2020).

Os relatos das crianças revelam o impacto significativo no desenvolvimento de uma relação positiva com o meio ambiente, mediado por seus responsáveis, escola e os lugares que frequentam. A maioria das crianças relatou já ter visto os locais que desenharam, 61,11% delas no total, o que corrobora a pesquisa de Louv (2006), que aponta que a Conexão com a Natureza (CN) se desenvolve a partir de experiências vividas em ambientes naturais, tanto individuais quanto mediadas por interações com família, amigos e educadores.

Os relatos das crianças destacam o local definido como natureza, como, por exemplo: 'O lugar é o pátio da escola, já fez piquenique no lugar, levaram um monte de frutas'; 'Relata já ter visto na casa da avó em Canoas'; 'Desenhou um caracol e uma borboleta. Relata já ter visto na natureza, na árvore da escola'; 'Relata morar no lugar do desenho'; 'Desenhou uma flor. Relata já ter visto essa flor nos pátios das casas (caminhando na rua)'; e 'Relatou que já foi no local do desenho, que é perto da casa dela, mas na cor branca, a mãe compra várias flores coloridas tipo as do desenho'.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa indicam que as crianças que escolheram imagens voltadas para o ambiente natural justificaram suas escolhas com base em aspectos como a conexão com a natureza, criatividade, interações sociais e repertório emocional.

Muitas crianças demonstraram uma tendência para criar desenhos fantasiosos sobre a natureza e optaram por ambientes mais estruturados e menos naturais, o que reflete uma convivência limitada com o mundo natural. A fantasia e o contato vicário com a natureza, mediado por filmes e desenhos animados, parecem ser fatores que afastam as crianças da realidade natural. Poucas crianças revelaram uma conexão mais profunda e complexa com a natureza, expressando preocupações com a preservação ambiental e a proteção dos ecossistemas, temas cada vez mais relevantes no cenário atual.

Também, é evidente o déficit de contato direto com a natureza, especialmente no contexto do distanciamento provocado pelo uso excessivo de tecnologias.

Além disso, as vivências afetadas por desastres naturais, como enchentes, demonstram como a realidade ambiental das crianças está sendo transformada, o que pode impactar ainda mais a relação delas com a natureza. Essa desconexão, muitas vezes mediada por elementos artificiais e tecnológicos, aponta para a necessidade urgente de repensar o tempo livre das crianças, permitindo que elas experimentem de forma mais autêntica os benefícios da interação com o ambiente natural.

A pesquisa também evidenciou como as experiências proporcionadas pelos pais influenciam diretamente a relação das crianças com a natureza, sugerindo que os pais e outros membros da família desempenham um papel importante, podendo tanto incentivar quanto desencorajar essa conexão. Esses achados reforçam a importância da mediação social na formação de uma relação saudável e sustentável das crianças com o meio ambiente, destacando o papel fundamental da família nesse processo.

As crianças nasceram em um mundo que deverão salvar de uma destruição que não foram elas que causaram, estudos evidenciam que “o legado do tempo de infância na natureza impacta a vida adulta”. Entre os adultos, uma maior conexão com a natureza está associada ao acesso e à interação com o ambiente natural durante a infância (Cleary, Fielding, Murray, & Roiko, 2018; Fretwell & Greig, 2019; Guiney & Oberhauser, 2009; Pensini, Horn, & Caltabiano, 2016; Rosa, Profice, & Collado, 2018; Tam, 2013; Windhorst & Williams, 2015; Wood & Smyth, 2020).”. Essa pesquisa tem como consideração final, uma reflexão, como queremos pedir que as crianças salvem a terra na sua adultez? Se nem ao menos proporcionamos a oportunidade de se conectar com ela e amá-la na infância, primeiro?

REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70. Acesso em 18 out. 2024

Berto, R., Barbiero, G., Barbiero, P., & Senes, G. (2018). An individual's connection to nature can affect perceived restorativeness of natural environments. Some observations about biophilia. *Behavioral Sciences*, 8(3), 34. <https://doi.org/10.3390/bs8030034> Acesso em 18 out. 2024

Chawla, L. (2020). Conexão com a natureza na infância e esperança construtiva: uma revisão de pesquisas sobre conexão com a natureza e enfrentamento da perda ambiental. *Progress in Animal and Natural Sciences*, 18(2), 101-115. DOI: <https://doi.org/10.1002/pan3.10128> Acesso em: 20 set. 2024

Cheng, J. C., & Monroe, M. C. (2012). Connection to nature: Children's affective attitude toward nature. *Environment and Behavior*, 44, 31-49. <https://doi.org/10.1177/0013916510385082> Acesso em: 20 set. 2024

Collado, S., Evans, G. W., & Sorrel, M. A. (2017). The role of parents and best friends in children's proenvironmentalism: Differences according to age and gender. *Journal of Environmental Psychology*, 54, 27-37. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494417301123> Acesso em: 21 out. 2024

Costa, R. R. da. (2024). A natureza em ambientes da educação infantil em Manaus-AM. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPG/CASA). Acesso em: 20 nov. 2024

Hodson, C. B., & Sander, H. A. (2017). Green urban landscapes and school-level academic performance. *Landscape and Urban Planning*, 160, 16–27. <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2016.11.011> Acesso em: 20 nov. 2024

Higuchi, M. I. G., & Kuhnen, A. (2024). Percepção e representação ambiental: métodos e técnicas de investigação para a educação ambiental. Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental/LAPSEA, Núcleo de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/INPA. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Disponível em: www.cfh.ufsc.br/~ambiente. Acesso em: 24 nov. 2024

IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change – Fourth Assessment Report. (2007). http://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar4/syr/ar4_syr_spm.pdf Acesso em: 18 out. 2024

Ives, C. D., Giusti, M., Fischer, J., Abson, D. J., Klaniecki, K., Dorninger, C., Laudan, J., Barthel, S., Abernethy, P., & Martín-López, B. (2017). Human–nature connection: A multidisciplinary review. *Current Opinion in Environmental Sustainability*, 26, 106–113. <https://doi.org/10.1016/j.cosust.2017.05.005> Acesso em: 22 out. 2024

Kida, P. (2019). Competences and qualifications in outdoor education. *Journal of Education Culture and Society*, 10(1), 79–92. <https://doi.org/10.15503/jecs20191.79.92> Acesso em: 29 set. 2024.

Kleespies, M. W., Braun, T., Dierkes, P. W., & Wenzel, V. (2021). Measuring Connection to Nature – A Illustrated Extension of the Inclusion of Nature in Self Scale. *Sustainability*, 13, 1761. Acesso em: 29 out. 2024.

Laird, S.G., McFarland-Piazza, L. & Allen, S. (2014). Young children’s opportunities for unstructured environmental exploration of nature: links to adults’ experiences in childhood.

International Journal of Early Childhood Environmental Education, 2(1), 58-75. Acesso em: 15 set. 2024.

Lumber, R., Richardson, M., & Sheffield, D. (2017). Beyond knowing nature: Contact, emotion, compassion, meaning, and beauty are pathways to nature connection. *PloS one*, 12(5), e0177186. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0177186> Acesso em: 8 nov. 2024.

Luz, G. M., & Kuhnen, A. (2013). O uso dos espaços urbanos pelas crianças: explorando o comportamento do brincar em praças públicas. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 26(3), 552-560. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000300015> Acesso em: 8 nov. 2024

Martin, L., White, M. P., Hunt, A., Richardson, M., Pahl, S., & Burt, J. (2020). Nature contact, nature connectedness and associations with health, wellbeing and pro-environmental behaviours. *Journal of Environmental Psychology*, 68, 101389. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2020.101389> Acesso em: 8 nov. 2024

Nisbet, E. K. L., Zelenski, J. M., & Murphy, S. A. (2011). Happiness is in our Nature: Exploring Nature Relatedness as a Contributor to Subjective Well-Being. *J Happiness Stud*, 12, 303–322. <https://doi.org/10.1007/s10902-010-9197-7> Acesso em: 20 nov. 2024

Nisbet, E.K. & Zelenski, J.M. (2011). Underestimating Nearby Nature: Affective Forecasting Errors Obscure the Happy Path to Sustainability. *Psychological Science*, 22(9), 1101–1106. <http://dx.doi.org/10.1177/0956797611418527> Acesso em: 15 nov. 2024

Pato, C. M. L., & Tamayo, Á. (2006). A Escala de Comportamento Ecológico: desenvolvimento e validação de um instrumento de medida. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 11(3), 289–296. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000300006> Acesso em: 8 nov. 2024

Paz, D.T.; Zacarias, E.J.; Higuchi, M.I.G. (2022). Connection with Nature in children's reference adults. *Revista Ambiente & Sociedade*, 25, 1-19. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc20200013r1vu2022L2OA> Acesso em: 8 nov. 2024

SANTANA, M. I.; RUAS, M. A.; QUEIROZ, P. H. B. O impacto do tempo de tela no crescimento e desenvolvimento infantil. *Revista Saúde em Foco*, edição 14, 2021, p. 169

.Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2021/05/O-IMPACTO-DO-TEMPO-DE-TELA-NO-CRESCIMENTO-E-DESENVOLVIMENTO-INFANTIL.pdf> Acesso em: 8 nov. 2024

Schultz, P. W. (2001). The Structure of Environmental Concern: Concern for Self, Other People, and the Biosphere. *Journal of Environmental Psychology*, 21(4), 327–339. <https://doi.org/10.1006/jevp.2001.0227> Acesso em: 8 nov. 2024

Ulset, V., Vitaro, F., Brendgen, M., Bekkhus, M., & Borge, A. I. (2017). Time spent outdoors during preschool: Links with children's cognitive and behavioral development. *Journal of Environmental Psychology*, 52, 69–80. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.05.007> Acesso em: 11 nov. 2024

Weinstein, N., Przybylski, A. K., & Ryan, R. M. (2009). Can nature make us more caring? Effects of immersion in nature on intrinsic aspirations and generosity. *Personality and social psychology bulletin*, 35(10), 1315–1329. <https://doi.org/10.1177/0146167209341649> Acesso em: 15 nov. 2024

Wilson, E. O. (1984). *Biophilia*. Harvard University Press. <https://books.google.com.br/>
Zylstra, M. J., Knight, A. T., Esler, K. J., & Le Grange, L. L. (2014). Connectedness as a core conservation concern: An interdisciplinary review of theory and a call for practice. *Springer Science Reviews*, 2(1), 119–143. <https://doi.org/10.1007/s40362-014-0021-3> Acesso em: 15 nov. 2024